



cultura & informação  
**A REVISTA DO SABIN**

1º semestre de 2026 – ano 32 – nº 89



# Compromisso com o legado

A chegada da International Schools Partnership (ISP) ao Colégio Albert Sabin e à Escola AB Sabin marca o início de uma nova etapa construída sobre bases sólidas. Mais do que assumir o papel de grupo mantenedor e investidor, iniciamos uma parceria que nasce do reconhecimento de uma trajetória consistente e de um projeto educacional que já se destaca pela sua qualidade e relevância. Na ISP, temos um propósito claro: desenvolver alunos curiosos, confiantes e preparados para atuar em um mundo em constante transformação. É justamente por identificarmos esse mesmo compromisso no Sabin que essa união faz sentido. Trata-se de uma convergência de valores, visão e ambição educacional. Respeitamos profundamente a identidade de cada escola e a consistência do trabalho que vem sendo realizado ao longo dos anos. Nosso papel é atuar em parceria com as equipes, fortalecendo essa base e apoiando sua evolução contínua, sempre com foco na excelência acadêmica e no desenvolvimento integral dos alunos. Escolhemos o Sabin porque acreditamos em sua proposta. O princípio de que ensinar é criar oportunidades traduz, com clareza, a essência de uma educação transformadora - e está plenamente alinhado à forma como entendemos o aprendizado. A partir dessa conexão, somamos a experiência de uma rede global, o acesso a práticas educacionais consolidadas internacionalmente e a ampliação de oportunidades para alunos e educadores.

A atuação da ISP se estrutura em cinco pilares fundamentais: desempenho acadêmico, competências para a vida, multilinguismo, oportunidades internacionais e *Future Pathways*. Esses pilares se materializam no dia a dia das escolas por meio de currículos consistentes, abordagens baseadas em evidências, desenvolvimento intencional de habilidades essenciais e experiências que ampliam o repertório acadêmico e cultural dos estudantes. Acreditamos que aprender vai além do conteúdo. Por isso, promovemos uma educação que integra competências cognitivas, interpessoais, digitais e de autogestão, preparando os alunos para os desafios do presente e do futuro. O multilinguismo, nesse contexto, amplia horizontes e conecta os estudantes a uma realidade global, enquanto as oportunidades internacionais proporcionam vivências que enriquecem a formação de maneira concreta e significativa. No âmbito do *Future Pathways*, apoiamos as escolas na construção de trajetórias

que permitam aos alunos fazer escolhas acadêmicas e profissionais mais conscientes, alinhadas aos seus interesses e potencialidades, e às demandas de um mundo em transformação.

Outro conceito central para a ISP é o de *Amazing Learning* - um aprendizado de impacto, que se evidencia não apenas em resultados, mas na qualidade da experiência vivida em sala de aula. Por meio da coleta contínua de evidências de aprendizagem, acompanhamos de perto o que os alunos estão efetivamente compreendendo, como aprendem e por que aquilo faz sentido para eles. Esse processo orienta decisões pedagógicas e contribui para o aprimoramento contínuo das práticas educacionais. Essa mesma lógica orienta o desenvolvimento dos nossos educadores. Acreditamos que escolas excelentes são construídas por profissionais em constante evolução. Por isso, investimos em formação, troca de experiências e desenvolvimento de liderança, criando um ambiente que favorece o crescimento coletivo.

Fazer parte de uma rede internacional amplia possibilidades. Conectamos escolas, professores e alunos em diferentes países, promovendo trocas que enriquecem perspectivas e fortalecem a prática educacional. Ao mesmo tempo, olhamos para cada escola de forma individual, respeitando sua história, seu contexto e aquilo que a torna única para sua comunidade. Este é um momento de aproximação e construção conjunta. Nos primeiros meses, nosso foco está em escutar, compreender e aprender com as escolas. A partir desse entendimento, avançamos de forma estruturada, sempre com o objetivo de fortalecer o que já funciona bem e apoiar novas oportunidades de desenvolvimento. Mais do que uma transição, este é, acima de tudo, um compromisso com o legado construído pelo Sr. Godoi e levado adiante pela Cristina, e com a responsabilidade de projetá-lo para o futuro, guiados pelos valores e princípios que sempre nortearam o Sabin.

Estamos honrados e felizes de continuar a construir essa história!

Um abraço,  
Santuzza



**Santuzza Bicalho,**  
Diretora Geral - ISP Brasil



Revista do Sabin,  
1º semestre 2026  
ano 32 - nº 89  
Alunos da capa:  
Théo e Guilherme,  
1ª série do  
Ensino Médio.

A Revista Mais é um órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin e da Escola AB Sabin.

**Colégio Albert Sabin**  
Av. Darcy Reis, 1.901,  
Prq. dos Príncipes, São Paulo/SP  
(11) 3712.0713  
www.albertsabin.com.br

**Escola AB Sabin**  
Av. Martin Luther King,  
2.266/2.280, São Francisco,  
São Paulo/SP - (11) 3716.5666  
www.absabin.com.br

**Fundadores:**  
Gisvaldo de Godoi,  
Neusa A. Marques de Godoi  
**Direção geral:**  
Cristina Godoi de Souza Lima  
**Direção pedagógica:**  
Giselle Magnossão (Albert Sabin),  
Sílvia Adrião (AB Sabin)

**Direção administrativa:**  
Fernando A. Mello  
**Marketing:** Natália Giraldi,  
Leidyla Nascimento  
**Colaboradores:** Áurea Bazzi,  
Denise Araújo, Dionéia Menin,  
Giselle Magnossão,  
Graziella Matarazzo,  
Sandra Lieven, Paulo Rogério  
Vieira, Sílvia Adrião, Suzy Vieira

**Jornalista responsável:**  
Juliana Bógus Saad  
(MTB 42.386/SP)  
**Designer:** Giovanna Angerami  
**Fotografias:** Jesse Matos,  
Equipe Pedagógica

1º semestre 2026

- 4+5  **Conversa Paralela**  
Neurociência e o funcionamento do cérebro na adolescência
- 6+7  **Educação Infantil**  
Mitos e verdades sobre a Educação Positiva
- 8+9+10  **Fundamental – Anos Iniciais (EFAI)**  
Educação para relações étnico-raciais
- 11+12  **Fundamental – Anos Finais (EFAF)**  
A importância de aprender e evoluir com os erros
- 13+14  **Ensino Médio**  
Orientação de estudos é apoio desde o início do ano
- 15+16+17  **Multilinguismo**  
Novo prédio marca a expansão do Sabin Bilingue
- 18+19  **Esportes&Cultura**  
Começaram as aulas de violão para alunos de 4º e 5º anos
- 20+21  **A Gente Quer Saber**  
YouGreen: representantes da cooperativa falam sobre reciclagem
- 22+23  **Livre Expressão**  
Eleições: como você se relaciona com o dever e o direito de votar?
- 24+25  **Tecnologia e Inovação**  
Chromebooks dão mais autonomia e são ferramentas de agência digital
- 26+27  **Encantamento**  
Alunos criam sistema de controle de cadeira de rodas e são premiados
- 28 → 32  **AB Sabin**  
Arte contemporânea encanta e inspira os bem pequenos

# Cérebro em construção

A neurociência ajuda os adultos a entenderem melhor os adolescentes



Marilia Albuquerque

A neurocientista **Marilia Albuquerque** é professora e doutora em Ciências da Saúde pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, mestre em Farmacologia e bacharel em Gerontologia pela USP. No Sabin, ela desenvolveu trabalhos com coordenadores, professores e alunos sobre o funcionamento do cérebro e as tomadas de decisão.

## O que é a neurociência?

É uma porta para o autoconhecimento. Ela ajuda a contar como o cérebro toma decisões, como ele “sente” e como se posiciona diante do que sente. Saber o que está acontecendo lá dentro é fundamental para nos entendermos, para entender nossas relações, para entender nossos filhos. A neurociência mostra como o funcionamento cerebral impacta as escolhas e as interações do dia a dia.

## Como funciona o cérebro?

O cérebro é composto por bilhões de neurônios que se conectam através de sinapses e não é um órgão isolado, funciona absolutamente integrado com o corpo como um todo. Na tomada de decisão, por exemplo, o funcionamento básico depende de dois grandes sistemas que precisam “conversar”: o sistema límbico, que busca prazer e sobrevivência imediata, processando rapidamente as emoções; e o sistema executivo, composto especialmente pelo córtex pré-frontal, que nos ajuda a controlar impulsos, parar e pensar antes de agir, e que analisa riscos e planeja o futuro - necessitando, portanto, de mais tempo para avaliar os dados que chegam. O cérebro é plástico e se molda conforme os estímulos que recebe do ambiente.

## Pode dar um exemplo da ação do sistema límbico e do córtex pré-frontal?

Você tem uma prova importante amanhã e precisa revisar a matéria, mas seus amigos estão chamando para jogar online. O sistema límbico vai dizer: “Entra! Aproveita! Você já estudou!”.

O córtex pré-frontal vai alertar: “Espera aí, você precisa fazer a última revisão; se for jogar, vai dormir tarde e amanhã não vai ter disposição; você pode ir mal na prova e depois vai precisar estudar mais e jogar menos”. Essas duas possibilidades de “diálogo” acontecem com todos, a todo momento. O que precisamos é equilibrar essas “falas” para que possamos tomar a melhor decisão.

## O cérebro do adolescente está formado?

Não totalmente. Falta a maturação completa do córtex pré-frontal, que é esse sistema executivo, o “freio”, a última região a amadurecer. O cérebro do adolescente é muito potente, mas essa área ainda não tem tudo estruturado e organizado, ela ainda está em obras. O freio está sendo instalado, passando pelo ajuste fino nas etapas finais da construção.

## Como isso influencia as tomadas de decisão?

Sem o pré-frontal totalmente finalizado, a tomada de decisão do adolescente é regida, em grande parte, pelo sistema límbico, o centro emocional. A recompensa imediata tem um peso muito maior do que o olhar para o futuro. É por isso que o adolescente escolhe o que dá prazer agora, sem conseguir medir a consequência que isso vai trazer lá na frente. É um desequilíbrio biológico entre o “querer” e o “avaliar”. Quimicamente falando, o sistema límbico inunda o cérebro de neurotransmissores e dá aquela sensação incrível de satisfação, de prazer, de motivação, e rege a tomada de decisão.

## Isso também explica a intensidade dos comportamentos na adolescência?

Sim, porque o cérebro do adolescente interpreta e sente tudo com uma lente de aumento. A amígdala, que é uma parte do sistema límbico responsável pelas emoções, está muito ativa nessa fase. Como o córtex pré-frontal ainda não consegue modular a resposta da amígdala com eficiência, a frustração vira tragédia e a alegria vira euforia

desmedida. Não é drama, é reação química e biológica: sensibilidade emocional muito alta e pouco filtro racional para baixar a intensidade. É justamente por isso que os pais devem ser o contraponto.

## Como os adultos podem ajudar?

O adulto pode ser o que eu chamo de “córtex pré-frontal externo” do adolescente, como se emprestasse a ele o seu “juízo”, o seu pré-frontal já formado. Isso significa colocar limites, ajudar a organizar a rotina, mostrar as consequências que ele ainda não enxerga. Mas deve apenas dar suporte, e não fazer o trabalho no lugar dele - nem privá-lo de experiências ruins, pois elas fazem parte da vida e são, também, importantes para o cérebro em formação exercitar as conexões que precisa fazer. O adulto deve estimular a autonomia do jovem, perguntando, por exemplo: “O que acontece se você escolher este caminho em vez daquele?”. E pode ajudá-lo a entender que, se foi mal em uma prova, não perdeu tudo que estudou; se terminou um relacionamento, não é o fim de todos os amores. O cérebro aprende melhor através do afeto e da segurança.

## E quando o cérebro fica pronto?

Até pouco tempo atrás, a literatura da neurociência dizia que o final desse desenvolvimento seria entre os 20 e os 25 anos de idade. Mas há um trabalho recente, publicado na revista científica *Nature*, que afirma que há um padrão de funcionamento característico na faixa entre 9 e 32 anos, o que indicaria ainda um processo de neurodesenvolvimento até essa idade. Embora os estudos estejam encontrando esses dados, vale a pena ressaltar que não é apenas o fator idade que determina esse amadurecimento do indivíduo e, sim, uma articulação entre desenvolvimento estrutural do cérebro e experiências que a pessoa vive - em casa, na escola, em todos os lugares por onde passa. Tudo isso contribui para uma tomada de decisão mais ponderada e coerente.

# Educação positiva

## Mitos e verdades - o desenvolvimento moral da criança

Os desafios de educar uma criança são muitos. O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF Brasil) publicou, há alguns anos, um material de apoio para a formação de profissionais que atuam na área infantil: “O cuidado integral e a parentalidade positiva na primeira infância”. Esse documento trata exatamente do que chamamos de educação positiva - uma forma de promover o processo de compreensão das regras e do mundo social. A educação positiva equilibra o que é necessário entre limites, diálogo, afeto, escuta e contorno. Quando um adulto tem a capacidade de lidar de forma positiva, com atitudes respeitadas e cooperativas em situações de conflito relacionadas a uma criança, não significa que ele está sendo permissivo. Ao contrário, está usando a educação positiva no acompanhamento da criança durante seu processo de aprendizagem e conquista da autonomia moral.

O desenvolvimento da moral abrange três fases: anomia, heteronomia e autono-

mia. Quando o indivíduo nasce, começa o período da anomia, que é a ausência total de regras; nessa etapa, a criança não tem nenhuma noção de certo ou errado. Por volta dos três ou quatro anos de idade, tem início o período da heteronomia, e surgem as perguntas: “Isso pode?”, “Isso não pode?”. A coordenadora Sílvia Adrião explica que, na heteronomia, a criança não age com base na sua própria consciência moral, mas é regulada pelo outro; a criança ajusta sua conduta de acordo com o outro. “Com o tempo, a heteronomia moral precisa evoluir para a autonomia moral. Isso acontece por volta dos nove ou dez anos, idade em que a criança começa a ter condições intelectuais para construir essa autonomia - processo sem fim, que vai acompanhá-la ao longo da vida”, afirma Sílvia. Essa construção é constante e não deve ser solitária; nesse ponto, os ambientes familiar e escolar têm papel fundamental, como espaços para a convivência e o conflito - entendido como troca de ideias e confronto de visões. “Trabalhando a

educação positiva em um ambiente cooperativo e colaborativo, proporcionamos às crianças ferramentas de autorregulação para a convivência ética”, diz a orientadora Andrea Ferreira.

É certo que as crianças precisam de orientações, regras e conceitos morais sólidos para que possam “se constituir”, gradualmente, como indivíduos responsáveis, com maturidade e autonomia. E é por meio da educação positiva que isso é ensinado evitando todo tipo de violência, exposição ou constrangimento - formas inaceitáveis de “educar”, e que podem gerar hormônios dificultadores do desenvolvimento físico e emocional da criança. A psicóloga Samantha Natalo, que assessora a equipe pedagógica na Educação Infantil, explica que a educação positiva considera as crianças sujeitos com saberes, capazes de se expressar e aprender, que merecem respeito e oportunidades adequadas, que precisam de proteção e incentivo para se desenvolver plenamente.

## MITOS e VERDADES sobre a educação positiva

### Criança não precisa de limite.

**MITO!** As crianças precisam ser orientadas e conduzidas para que possam lidar com emoções, compreender sentimentos e conhecer as condutas que geram relações equilibradas e saudáveis.

### Criança não pode ouvir não.

**MITO!** A criança precisa de momentos em que lhe seja dito o que deve e o que não deve fazer, o que pode e o que não pode. Mas não é um “não” pelo “não”; é um “não” com coerência.

### Crianças precisam de regras.

**VERDADE!** Elas precisam de regras claras, seguras e coerentes, para organizar a rotina e as relações; para aprender a “ser e estar” no mundo de forma positiva e ética.

### Regras e combinados não são negociáveis.

**MITO!** Embora existam regras que são inegociáveis - por questões de segurança, por exemplo -, é possível, sim, fazer com as crianças combinados que podem ser negociados e renegociados.

### É mais importante tempo de qualidade do que quantidade.

**MITO!** Esse é um mito, mas é também um dilema na realidade de muitas famílias com rotinas intensas de trabalho. Tempo de qualidade, de interação direta, é necessário e faz bem, a criança se sente amparada, ouvida e pertencente, mas não é suficiente. A quantidade de tempo disponível para estar com a criança é essencial para ela sentir que é prioridade na vida dos pais ou responsáveis; sempre deve haver alguém com disponibilidade de tempo para a criança. E quanto mais vínculo e afeto estiverem envolvidos nesse tempo, melhor!



**Educar criança dá trabalho.**

**VERDADE!** É um trabalho integral. Exige constância, coerência, persistência, diálogo, retomadas, novas retomadas. Se estiver sendo fácil, preste atenção: pode ser que algo não esteja correndo bem.

**A criança precisa estar ocupada o tempo todo.**

**MITO!** O ócio é necessário. É preciso ter o tempo de “não fazer nada”, de ver os pássaros, de sentir o vento, de brincar com objetos, de escutar as plantas, de conversar com animais de estimação. O ócio abre espaço para a mente criar, para a linguagem pessoal se desenvolver, para a criança descobrir seus próprios recursos e mecanismos de interpretação do mundo. O equilíbrio entre propostas dirigidas e tempo livre é fundamental para uma infância saudável.

**Uma palmada pode ser educativa.**

**MITO!** Nenhum tipo de violência deve ser aceito. Diante da violência, a criança se sente coagida e magoada pelo adulto que deveria protegê-la. O impulso de dar uma palmada só demonstra que aquele adulto está alterado e precisa se retirar para encontrar a melhor condução da situação. Mas o adulto deve dar a essa criança uma explicação clara para que ela possa entender o sentimento dele: “Eu estou bravo agora com a sua atitude, e muito chateado, por isso, preciso me afastar para refletir”. É importante ter uma rede de apoio para que outra pessoa possa assumir a proteção daquela criança até que o adulto envolvido na condição do conflito se recomponha e possa voltar, retomando a conversa com equilíbrio, e dando o exemplo de que é possível parar, se acalmar, e resolver o conflito positivamente.



## Educação para relações étnico-raciais

Atividades buscam ampliar conhecimento e desenvolver sensibilidade, empatia e respeito

*“Provavelmente foi numa destas viagens que mães negras (...) rasgavam as barras de suas saias e, fazendo vários nós, confeccionavam pequenas bonecas e as presenteavam a seus filhos de carne, de sangue e de cor. (...) Essas bonequinhas passavam a ser tratadas como verdadeiros tesouros e amuletos de proteção. (...) Depois de trabalharem o dia inteiro nas lavouras, quando a noite chegava e se reuniam à beira da fogueira, as mães continuavam com o costume: pegavam pedaços de tecidos e faziam as bonequinhas, que foram denominadas Abayomis. Na língua iorubá, significa ‘meu presente’, ou ‘aquele que traz alegria e felicidade’. Ainda hoje, o costume é mantido e as bonequinhas são confeccionadas e oferecidas como presente. (...) A Abayomi representa tudo aquilo que desejamos: um presente e um futuro com alegria e felicidade para todos.”*

O trecho acima é de um livro ilustrado que encanta os alunos do 1º ano do EFAI, o Abayomi, da historiadora Eliane Rodrigues Pereira Verly. Além de conhecer a história, que é lida em sala com a turma, as crianças participam de oficinas de produção da bonequinha. Essa e outras literaturas e práticas pedagógicas

compõem o trabalho da educação antirracista e para as relações étnico-raciais no Sabin. Em 2026, com o objetivo de fortalecer ainda mais o tema no currículo dos Anos Iniciais, a coordenação reorganizou o plano de atividades e intensificou ações para garantir conhecimento, empatia e respeito. “Inspirados pela Segunda Década Internacional dos Afrodescendentes, proclamada pela ONU, investimos em diversificar as ações e produzir um protocolo de prevenção e combate ao racismo, que já está na fase final para publicação”, destaca a coordenadora Dionéia Menin. A importância da escola na construção da identidade racial dos estudantes, por meio da valorização de narrativas que foram silenciadas e de espaços onde todas as crianças se sintam vistas, representadas e respeitadas é um conceito sempre enfatizado pela pesquisadora Luciana Alves, doutora em Sociologia da Educação. Isso envolve o reconhecimento positivo da diversidade e o enfrentamento das marcas do racismo estrutural - tornando explícitas as práticas antirracistas dentro da escola. Luciana destaca que a edu-



ção para as relações étnico-raciais exige um compromisso contínuo e profundo com a transformação das ações pedagógicas e institucionais.

### Práticas, ações e literaturas

O Plano de Ação Anual do EFAI sugere, além das práticas pedagógicas, atividades que contemplam formações e ações culturais envolvendo toda a comunidade. Os princípios norteadores incluem enfrentamento ao racismo estrutural e protagonismo no ambiente escolar. Entre as práticas, estão: integração de conteúdos afro-brasileiros e africanos em todas as áreas do conhecimento; valorização da oralidade, corporeidade e musicalidade afro-brasileiras; uso de jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras como recurso didático; criação de projetos interdisciplinares sobre heranças africanas, quilombos e intelectualidade negra. Nos materiais didáticos, a representatividade é prioridade, garantindo que todos possam se reconhecer nas histórias e nos conteúdos. As ações educativas criam espaços de escuta e acolhimento, fortalecendo o diálogo. A forma-

ção contínua dos educadores conta com estudos conceituais - além de rodas de conversa, leituras orientadas, apresentações para desnaturalizar expressões racistas e estudo de cartilhas e guias oficiais.

A professora Luciana Vidal, assessora de História e Geografia, participou da organização do Plano e aponta a importância das literaturas adotadas pelo EFAI: “Acrescentamos livros praticamente em todas as séries; leituras para entender mais, para nos aprofundarmos, para aprendermos a falar com mais propriedade”. Entre os títulos selecionados, além do sensível *Abayomi*, a professora destaca: *Sou indígena e sou criança*, de César Obeid (1º ano); *O pequeno príncipe preto*, de Rodrigo França (2º ano); *Coisas de Índio – Versão Infantil*, de Daniel Munduruku (3º ano); *Bia na África*, de Ricardo Dreguer, e *Lendas da África Moderna*, de Rosa Maria Tavares Andrade (4º ano). “Trabalhamos intensamente para que todos compreendam as posturas e os comportamentos que não podem ser aceitos, pois, como define o professor Daniel Munduruku, o diferente não é melhor e nem pior, é só diferente”, resume Luciana.

“Partindo da ideia de que nos Anos Iniciais as crianças estão formando sua identidade, seu caráter, suas características em termos éticos, morais, estéticos e políticos, nós, educadores, temos papel fundamental na Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) e Antirracista no dia a dia dessa fase escolar. São anos muito preciosos, em que precisamos ter cuidado, zelo e atenção para que os estudantes não cresçam com o olhar permeado pelo racismo. Em síntese, a missão da educadora e do educador antirracista é trabalhar para que todos se sintam respeitados enquanto sujeitos socioculturais que carregam saberes, culturas e heranças ancestrais. Entre as diversas frentes de atuação na escola, eu diria que é primordial começar com a valorização dos fenótipos e dos conhecimentos dos estudantes, aproximando o conteúdo curricular da realidade, dos interesses e das vivências da turma. O trato da questão racial deve existir durante o ano todo, não apenas no Abril Indígena ou no Novembro Negro. Já caminhamos na construção de currículos que considerem as diversidades, mas ainda há muito que se caminhar.”

**Maria Fernanda Degan Bocafoli,**  
educadora especialista em Relações Étnico-Raciais,  
Educação Indígena/Quilombola e Antirracista

“É importante não generalizar e fortalecer que existem diversas culturas indígenas no Brasil, mais de uma língua indígena, mais de um povo, com filosofias diferentes. Há várias etnias, tanto em contexto de aldeia, quanto em contexto urbano: há indígenas na mídia, nas redes sociais, na arte, no futebol, na música - sempre falando sobre suas realidades”

**Samuel Nhandewa,**  
da Aldeia Icatu, que atua como  
professor da Educação Escolar Indígena





## Errando e aprendendo

Avaliações acompanham e orientam o estudante para que evolua a partir do erro

As avaliações que acontecem ao longo do processo de aprendizagem - com *feedback* individual e coletivo - servem para que os alunos identifiquem avanços e dificuldades, e para que os educadores possam ajustar estratégias de ensino e planejar intervenções pedagógicas. O erro desempenha um papel central nesse processo e não deve ser encarado como fracasso; é, ao contrário, oportunidade para rever e compreender conteúdos que ainda não foram consolidados. O mais construtivo diante do erro é analisá-lo, pensar criticamente sobre ele e ampliar o conhecimento ao redor do tema. A dúvida, a revisão e a reformulação de respostas são parte inevitável e fundamental da jornada escolar. “Aprender a identificar onde errou e como corrigir é um dos movimentos mais importantes do estudante na formação acadêmica. O desenvolvimento acontece quando o aluno entende seus pontos fortes e os aspectos a melhorar. Aprender a corrigir o próprio erro é uma competência para a vida”, alerta a coordenadora Sandra Lieven.

### Avaliações formativas e somativas

Ao analisar os resultados de uma avaliação somativa, os professores procuram responder a perguntas fundamentais para orientar os próximos passos do trabalho pedagógico: Quais foram os erros mais recorrentes? Quais

conceitos muitos estudantes ainda não compreenderam plenamente? Quais ideias precisam ser retomadas em sala de aula? Quais aspectos indicam avanços importantes na aprendizagem da turma? Portanto, em provas e avaliações formais, os erros são pistas valiosas para o planejamento das intervenções pedagógicas. Enquanto a **avaliação somativa** consolida e evidencia resultados - sendo realizada ao final de cada período para verificar se os objetivos esperados foram alcançados -, a **avaliação formativa** acompanha e orienta, com atividades em aula, tarefas de casa, propostas com rubricas e critérios claros.

A professora de produção de texto Fernanda Meireles explica que a avaliação formativa acontece a partir de processos de metalinguagem e de metacognição - fundamentais para o entendimento do erro e, conseqüentemente, das rubricas de correção. Ela destaca que avaliar contempla acompanhar, orientar, ajustar rotas e produzir, o que acontece de forma contínua nas aulas, com explicações, exemplificações, discussões, atividades de escrita e retomadas de conteúdo. “Com a devolutiva do erro na produção de texto, buscamos tornar o aluno capaz de demonstrar autoria, repertório e conhecimento sociocultural - além de ter maturidade de revisão e reformulação de suas produções”, diz Fernanda.

Em ciências, especialmente nas práticas desenvolvidas na abordagem STEAM, as avaliações formativas contemplam tanto aspectos atitudinais - como o uso responsável de espaços do laboratório e o respeito às normas de segurança -, quanto aspectos procedimentais e cognitivos - como participação, cooperação, comunicação de ideias e autonomia no trabalho em grupo. “No primeiro momento, conversamos com os alunos sobre como eles serão avaliados durante todo o processo; essas informações, as rubricas, ficam disponíveis no Sabin Digital antes de qualquer atividade”, relata a professora Gizele Daumichen. “Depois, realizo as devolutivas, incentivando também momentos de autoavaliação, para que os estudantes reconheçam seus avanços, analisem os erros e identifiquem pontos a desenvolver.” A professora reforça com a turma que a verificação do erro deve ser sempre tratada e encarada como conhecimento, e nunca como algo punitivo. Antes de entregar as provas, Gizele faz a correção comentada dos exercícios da avaliação, ou semelhantes, observando o que era para ser escrito e onde estão os erros. “No pós-avaliação, é importante ouvir o aluno e entender as sensações dele, além de reforçar que estudar não significa apenas decorar conteúdos.”

### Errar é um prazer

Em matemática, pode ser mais interessante, e até mais divertido, equivocar-se do que simplesmente acertar. O professor Josias Miranda cita essa ideia defendida no livro “Errar é um prazer”, de Eduardo Martinez, porque acredita que essa é a forma como professores, alunos e famílias podem compreender os erros durante o processo de estudo da matemática no Sabin. “O erro pode revelar aspectos importantes sobre o modo como os estudantes estão pensando. Nesse sentido, o erro é oportunidade para compreender o raciocínio do aluno e aprofundar o entendimento de um conceito. Erros recorrentes podem ser trazidos para a discussão coletiva”, comenta o professor. Segundo ele, um exemplo comum ocorre no estudo das frações, quando os erros costumam revelar diferentes interpretações sobre o conceito: o estudante pode confundir a regra da adição de frações com a regra da multiplicação; pode estar tentando aplicar a lógica utilizada na soma de números naturais; pode não perceber a fração como um número, mas apenas como dois números separados por um traço. Erros desse tipo revelam concepções importantes dos estudantes sobre a natureza das operações matemáticas. “Nosso trabalho é ajudar o aluno a se sentir confortável para compartilhar suas tentativas. Discutir um erro em conjunto permite que diferentes ideias apareçam e que todos avancem na compreensão. Criar um ambiente em que o erro é analisado sem constrangimento é fundamental para desenvolver confiança e persistência”, recomenda Josias.

## Autoavaliação do erro no 8º ano

“É possível transformar nossos erros em aprendizado de diversas maneiras, como em atividades de estudo para avaliações, onde uma resposta errada torna-se um acerto no momento do exame.”

Guilherme Sudré de Oliveira



“É importante entender por que errei. Se fiz uma prova difícil e vou estudar para essa matéria de novo, é conveniente estudar mais o tópico que errei.”

Marina Dante Gargalaca

“Quando fazemos a reescrita de uma redação, usamos o que aprendemos com erros anteriores para produzir um novo texto adequadamente. Quando recebemos as provas de matemática corrigidas, vemos nossos erros e refazemos os exercícios para não errar aquilo novamente.”

Ana Lúcia Rodrigues Capato



“Através do erro, nós podemos entender, aprender, e nunca mais errar a mesma coisa.”

Giulia Garcia Cavaliere

# Não deixe para depois

Com nova estratégia no início do ano, coordenação consegue antecipar a procura pela orientação de estudos

O ano de 2026 no Ensino Médio começou com novas estratégias para despertar o interesse dos alunos pela orientação de estudos desde o primeiro mês de aula. A coordenação realizou apresentações detalhadas para cada série, exibindo sugestões para organizar os estudos dentro e fora da escola, e convidando para o agendamento imediato com os orientadores - Adriana Cardoso e Roger Yamaguishi. Até o ano passado, a maior parte dos agendamentos acontecia depois dos resultados das primeiras provas, em abril ou maio. Segundo a coordenadora Áurea Bazzi, em conversas de *feedback* com ex-alunos, muitos compartilhavam o sentimento de que deveriam ter buscado a orientação mais cedo, antes das dificuldades nas avaliações e do acúmulo de matérias. As orientações tardias também eram mais cansativas para todos, pois cada

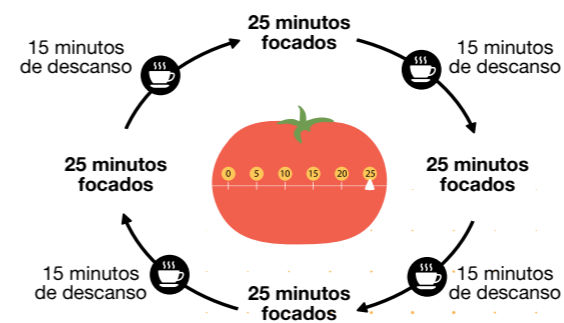
aluno demandava mais tempo de atendimento. Foram esses os fatores que motivaram a repaginação das apresentações de início de ano, fortalecendo a importância de agendar a orientação desde cedo. “Demos um salto: nas três séries, o número de orientações marcadas em fevereiro foi muito maior do que nos anos anteriores”, comemora Áurea. “Nosso objetivo principal é que os alunos desenvolvam já na 1ª série a cultura de organização dos estudos, acabando com a ideia de que estudar para a escola e para o vestibular são caminhos distintos. O processo é contínuo: na escola você escuta e anota; em casa você revisa e foca; para as avaliações e o vestibular, você treina, faz exercícios”, explica a coordenadora.

A neurociência é o pilar da orientação, que destaca o estudo ativo, a leitura em papel, a importân-

cia do sono de qualidade - com a recomendação rigorosa de oito horas de descanso e o afastamento de telas na hora de dormir - e o uso inteligente do tempo no contraturno e nas horas livres. Sem esquecer da ampliação do repertório cultural, com filmes indicados, documentários, TEDx, podcasts, jornais, revistas, e do tempo de descanso e lazer. Além da importância da organização, Áurea enfatiza que a prática é fundamental, e faz um paralelo do estudo com a academia: assim como não dá resultado apenas olhar o *personal trainer* fazendo a musculação, não adianta só olhar o professor resolvendo o exercício para aprender; o músculo do conhecimento só se desenvolve quando o próprio aluno executa o trabalho. Há muitas similaridades nas estratégias e técnicas de estudo para as três séries, mas o tempo recomendado para o estudo, principalmente nos finais de semana, vai aumentando gradativamente a cada ano.

## Técnica Pomodoro

Uma das técnicas mais indicadas pela orientação é a Pomodoro, método de gestão de tempo para estudar evitando a fadiga mental e o “transbordamento” da capacidade cognitiva. Como funciona: um ciclo de 25 minutos de foco total em uma determinada matéria, seguido de 5 minutos de descanso e relaxamento mental. Recomenda-se fazer, no máximo por período de estudo, duas rodadas de 4 ciclos, com um intervalo mais longo - de 30 minutos ou 1 hora - entre cada rodada. O ideal é variar as disciplinas de acordo com a área: se começou com física, segue com geografia ou português, depois química ou biologia, e assim por diante.



“Iniciar a orientação em fevereiro, permite planejar e ajustar o percurso. Quando o aluno começa a se organizar cedo, consegue ver o que está dando certo, ou não, e tem tempo para modificar a estratégia, se necessário.”

“Orientar o estudo é evitar que o aluno gaste muita energia em algo que dá pouco resultado. Não basta pensar na quantidade de horas, é preciso saber como produzir sendo assertivo. O que funciona para um, pode não funcionar para outro; descobrimos juntos na orientação.”



ROGER YAMAGUISHI, orientador de estudos da 3ª série

“Na 3ª série há a questão do luto e da despedida: muitos alunos estão no mesmo ambiente escolar há mais de dez anos e se apegam ao sofrimento do que vão perder, esquecendo de tudo que ganharam. Fazer uma boa despedida é validar o que foi construído na escola. No último ano, o aluno lida com o passado, o presente e o futuro de uma vez só.”

“Às vezes, o aluno acha que a organização de estudos dos anos anteriores deve mudar na 3ª série porque ‘agora é vestibular’. Mas não é assim. O ideal é trazer o que está consolidado e incrementar o ritmo.”

“Na orientação, ensinamos a diferença do estudo passivo e ativo. Muitos chegam ao Médio fazendo resumos extensos, copiando. Explicamos que o estudo ativo foca no treino e na prática. Estudar é ter ‘produtos’, é produzir algo palpável: um mapa mental, uma síntese, um esquema ou uma lista de exercícios. Na véspera de uma prova, o aluno se sente seguro ao olhar seus produtos e perceber tudo que já estudou ao longo dos dias.”



ADRIANA CARDOSO, orientadora de estudos da 1ª e da 2ª série

“O aluno da 2ª série apresenta mais demandas e começa a pensar no futuro depois da escola. Ele já tem o autogerenciamento, mas se angustia com a ideia dos próximos passos, o Enem e o vestibular. Além da manutenção dos estudos do ano, muitos passam a buscar na orientação o planejamento de carreira.”

“Estudar e planejar é também cuidar do emocional. O aluno que se organiza tem grande chance de vivenciar essa etapa com mais tranquilidade e leveza. É essencial entender que não há diferença entre o estudo em casa e o estudo na escola; é um processo sequenciado. Esse conjunto de organização e ferramentas corretas para o estudo desde a 1ª série é a base de toda a vida acadêmica que virá a seguir.”

“Na 1ª série, o aluno fica ansioso com o volume: são mais disciplinas para estudar, aumento de grade e de horário. Na orientação, detectamos as matérias em que o aluno tem mais dificuldade e planejamos o estudo delas em dias de agenda mais tranquila. Equilibramos exatas e humanas, para não sobrecarregar.”

# Arquitetura para educar

O novo prédio do Sabin Bilingue foi idealizado para ser um espaço educador

O Departamento de Bilinguismo e Internacionalização vive um momento de expansão em todos os sentidos: o Integral Bilingue passou de três turmas iniciadas em 2023, para 11 em 2026 - com cerca de 190 alunos, do Infantil ao 5º ano, vivenciando a língua inglesa diariamente na escola. Para acompanhar e dar suporte a esse crescimento, o Sabin prepara a entrega de um novo prédio para o Bilingue - anexo ao Colégio. O projeto conta com o que há de mais moderno em arquitetura e pedagogia escolar, e foi desenhado para ser um **espaço educador**. “Com poucas paredes e bastante vidro, os ambientes se integram, se comunicam, conversam. E essa conexão dos espaços permite a conexão dos pensamentos”, diz Marion Celli, assessora do Sabin Bilingue. A estrutura investe em *Learning Centers*, centros de aprendizagem que favorecem as práticas de ensino, convivência e colaboração. Marion revela que a direção buscou inspiração em escolas inovadoras ao redor do mundo, e que o

coletivo também contribuiu: coordenadores, professores e alunos foram consultados sobre como seria um espaço ideal e deram sugestões - tudo foi levado em consideração.

A professora do Bilingue Beatriz Nascimento destaca o olhar cuidadoso do projeto para as demandas da rotina. “Costumamos dividir as turmas em pequenos grupos com diferentes propostas e materiais diversos; esse ambiente agregador que está sendo construído vai contribuir muito para que todos investiguem e criem cooperando entre si”, acredita ela, que destaca, por exemplo, a cozinha experimental feita sob medida para as *cooking classes*, com bancadas ideais ao acesso das crianças e prezando por segurança e supervisão de adultos. “É um prédio realmente especial, que vai dar mais autonomia para todos”, afirma Beatriz. Novidades e atrativos estão em todas as áreas do projeto do novo edifício - entre elas, o *FabLab* - espaço *maker* onde os alunos adoram criar, testar, errar, fazer de novo; a

sala de música, com acústica e instrumentos; a área esportiva, muito importante no programa, com a perspectiva de modalidades que ainda não existem no Sabin. O professor de educação física, Marcelo Nunes, lembra que as aulas de esporte integram movimento, interação social e aprendizagem da língua inglesa naturalmente, em situações reais de comunicação que incentivam o uso espontâneo do idioma: “Seja para entender regras, organizar equipes ou combinar estratégias. Esse contexto também ajuda a construir o hábito de utilizar o inglês em contextos espontâneos e informais”.

## Porto seguro

A chegada do novo prédio fortalece a garantia de excelência e segurança que o Sabin sempre

transmitiu às famílias que confiam suas crianças em período integral à escola. O objetivo desse ambiente, criado especialmente para quem passa o dia inteiro no Colégio, é proporcionar horas complementares ainda mais acolhedoras e ativas. “Muitos pais procuram nosso programa integral para que seus filhos tenham a experiência bilingue, mas também para garantir que estejam em movimento e engajados. Nossa proposta pedagógica contempla isso. É uma satisfação para nós podermos oferecer um espaço idealizado para as crianças do Bilingue, que, quando se sentem seguras e pertencentes, voam nas propostas e projetos do inglês - com o corpo, a mente, as emoções, a mão na massa e muita troca”, conclui Marion.





## O violão chegou!

Como parte do projeto de práticas de instrumento, o curso de violão abriu as portas em 2026 para alunos de 4º e 5º anos

**B**ianca tinha vontade de aprender um instrumento pois sempre adorou ver o pai tocando violão e guitarra. Martin também foi motivado pelo pai, que é baterista. Bianca Ogalha Ulbrich e Martin Riccitelli Nicolas são dois dos cerca de 40 alunos que entraram no novo curso extracurricular oferecido pelo Sabin: aulas de violão em grupo! “Gosto de tocar porque é uma coisa que eu nunca tinha feito antes. O maior desafio é conseguir [risos!] Pratico em casa com meu pai: ele toca alguma música de fundo e eu vou treinando o que o professor passou”, revela Bianca. Para ela, ouvir todos os violões tocando juntos é uma das coisas mais legais das aulas em grupo. Martin também adora o som coletivo e destaca outra vantagem de fazer aula com os amigos: “Eu ajudo e sou ajudado. Gosto bastante de aprender as músicas e acho desafiador memorizar os acordes, por isso treino muito!”. Fã do cantor Djavan, Martin já avisa que quer tocar todas as músicas dele. Esse entusiasmo e o envolvimento dos alunos e das famílias anima demais o professor do curso, Marcelo Vani. Ele garante que todos vão aprender a tocar suas músicas favoritas, mas, desde a primeira aula, lembra a turma de que é preciso ter calma e estudar. “Aprender a tocar um instrumento é um processo lindo. É normal que os alunos cheguem querendo tocar tudo como se fosse só apertar um botão, mas logo compreendem que a realidade é outra: existe muita conversa e muito aprendizado antes; é uma construção, dia após dia, que exige paciência e dedicação”, explica o professor.

O primeiro acorde, o primeiro ritmo, as posições básicas, as batidas comuns, as músicas mais fáceis - assim começam as aulas de violão. O repertório é intencional: tem música folclórica, música popular simples, música funcional para aprender a contar tempos, para sentir a pressão da mão e dos dedos nas cordas, para se familiarizar com as cifras, para descobrir os sons iniciais. “O violão tem duas vertentes e ensinamos ambas: a popular, com as batidas, e a instrumental, com o violão solado”, detalha Marcelo. Como as aulas são em grupo, os alunos experimentam a chamada “música de câmara” - quando um pequeno agrupamento de instrumentistas toca junto. Com isso, cada um aprende que não adianta tocar “certo” no seu tempo individual, pois o que vale é se ajustar ao tempo coletivo. Essa configuração, explica o professor, é riquíssima, pois exercita o valor de trabalhar em grupo e da criação em parceria: “Em projetos coletivos, trabalhamos arranjos mais elaborados e cada um faz uma parte da música; uns ficam na melodia, outros fazem o acompanhamento, abrimos vozes entre quem quer cantar. O resultado final só fica bonito se todos fizerem sua parte”. Marcelo enfatiza que as aulas regulares de música contribuem muito para esse processo, pois os alunos já chegam com habilidades importantes como noção de ritmo, de contagem de tempos e de leitura de partitura.

### Por que o violão?

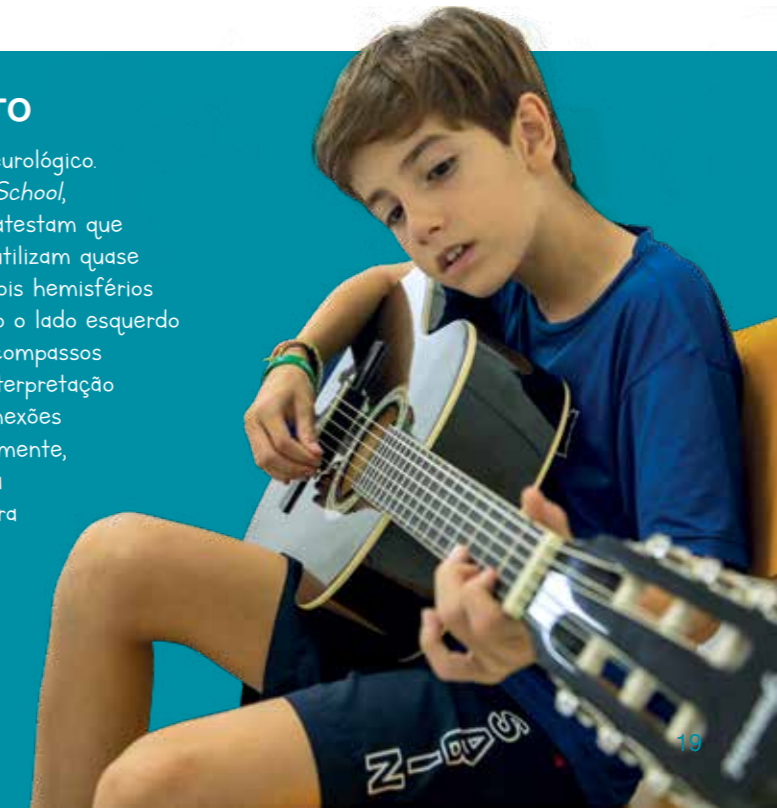
O Sabin sempre valorizou a música na matriz curricular - como trabalho de desenvolvimento motor, de habilida-

des pessoais e sociais, e de saúde emocional. Nas aulas de educação musical - no currículo do Infantil e do EFAI - são ensinados aspectos como melodia, harmonia, ritmo, afinação, prática vocal e também um pouco de prática de instrumento, com flauta doce e percussão. Como atividades opcionais que envolvem música dentro do projeto de Esportes & Cultura - englobando alunos do EFAF e do Médio -, o Colégio sempre investiu nos corais e no teatro. As novas aulas extracurriculares chegam para complementar essa formação que já existe. “Pesquisamos e constatamos que havia interesse por instrumentos musicais e, dentro desse universo, o violão, o ukulele e o violino poderiam atender um número maior de alunos por turma. Decidimos iniciar só com o violão, mas temos a perspec-

tiva de ampliar, de forma gradativa, expandindo também para outras faixas etárias”, esclarece Paulo Rogério Vieira, coordenador de Esportes & Cultura. O violão foi escolhido para abrir o projeto por ser um instrumento popular, democrático, viável para aulas em grupos, acessível, fácil de transportar e, principalmente, muito agregador! A coordenadora do EFAI e assessora de Música, Dionéia Menin, revela que a prática de outros instrumentos é um desejo antigo da escola, e comemora o início do projeto: “Estudamos por muito tempo e finalmente viabilizamos. Nada melhor do que começar com o violão, que reúne amigos em qualquer rodinha para tocar e cantar junto! Graças ao sucesso, conseguimos ampliar as turmas e atender um público ainda maior de alunos interessados”.

### EXERCÍCIO CEREBRAL COMPLETO

Tocar um instrumento age no desenvolvimento neurológico. Estudos de instituições como a *Harvard Medical School*, a *Johns Hopkins Medicine* e a *Oxford University* atestam que essa é uma das poucas atividades humanas que utilizam quase todas as áreas do cérebro simultaneamente; os dois hemisférios cerebrais trabalham de forma integrada: enquanto o lado esquerdo foca na parte lógica - como ritmo, contagem de compassos e leitura da partitura, o lado direito processa a interpretação emocional e a melodia. Isso cria uma rede de conexões neurais rápida e eficiente. Tocar violão, especificamente, exige coordenação motora fina: cada mão executa um tipo de função - uma usa força e precisão para fazer os acordes, e a outra dita o ritmo com as batidas; ao mesmo tempo, os ouvidos monitoram o som e os olhos leem as cifras. É um exercício completo para o cérebro!





## Cuidando do lixo

Representantes da cooperativa parceira do Sabin conversaram sobre lixo e reciclagem com os alunos do 2º ano

**Y**ouGreen é a cooperativa de reciclagem parceira oficial do Sabin, responsável por receber e processar os resíduos recicláveis gerados no Colégio. Por meio de projetos ligados a essa parceria, os alunos aprendem sobre gestão sustentável e recebem educação ambiental na prática, com ensinamentos para descartar o lixo corretamente e para entender a economia circular. A coleta seletiva, feita em recipientes específicos espalhados pela escola, faz parte do trabalho que desenvolve nos estudantes responsabilidade socioambiental e os incentiva a compartilhar hábitos sustentáveis com amigos e familiares. Periodicamente, o Sabin organiza visitas à sede da cooperativa para que as crianças vejam o processo de triagem e entendam a importância da rotina dos cooperados. Alunos do 2º ano receberam representantes da YouGreen para um bate-papo e tiraram algumas dúvidas.

### Quando a reciclagem começou a existir?

Por volta dos anos 1970, algumas pessoas no mundo pensaram assim: “Acho que estamos produzindo muitos materiais, muitos lixos, muitos resíduos”. Então, bastante gente começou a pensar nesse problema e em formas de reciclar. Mas podemos dizer que “desde que o mundo é mundo” as civilizações pensam no que podem fazer com o lixo que geram.

### A reciclagem existe em todos os lugares?

Existe em muitos! Alguns países têm um trabalho mais desenvolvido do que outros. No Brasil, estamos caminhando para melhorar cada vez mais. Quando comparamos a nossa reciclagem com a de certos países da Europa, por exemplo, vemos que há processos mais avançados, para reciclar mais materiais, e tecnologias que ainda não usamos. Felizmente, temos a sorte de estar em uma escola onde o lixo é reciclado!

### O lixo reciclável e o lixo comum são recolhidos no mesmo caminhão?

Não. O lixo comum - rejeitos não recicláveis - é transportado em um caminhão que chamamos de caminhão compactador. Os materiais que podem ser reciclados são transportados em um caminhão-baú.

↑ **MAIS INFORMAÇÕES:** A escolha de cada caminhão se deve ao volume do lixo, à eficiência logística e à preservação da qualidade do material reciclável. O caminhão compactador, aquele que circula diariamente pelos bairros, é usado para o lixo comum e orgânico pois tem um mecanismo que prensa o lixo e reduz seu volume em até quatro vezes - permitindo coletar toneladas antes de descarregar em um aterro sanitário (espaços destinados a esses rejeitos). Caminhões compactadores modernos possuem tanques coletores vedados para evitar que o líquido liberado pelo lixo (chorume) vaze pelas ruas. O caminhão-baú, que é fechado e protege o material da chuva, transporta os recicláveis - como papel, papelão, plástico e vidro - porque esse material não deve ser compactado durante a coleta, já que isso misturaria os resíduos e impossibilitaria a triagem manual nas cooperativas.

### O lixo pode “virar” energia?

Sim! Nos aterros sanitários, os restos de alimentos e outras matérias orgânicas entram em decomposição e produzem um gás chamado metano. Esse gás se torna energia.

↑ **MAIS INFORMAÇÕES:** O gás metano é captado por tubos e levado para motores especiais que o transformam em energia elétrica para, por exemplo, iluminar casas e escolas. Além de gerar energia, esse processo ajuda a proteger o planeta, pois evita que o metano vá para a atmosfera - o que seria prejudicial.

### É verdade que, no inverno, a decomposição é mais lenta?

Sim. Imagine a casca de uma banana em duas situações: sob o sol forte e quente, ou em um lugar frio perto da geladeira. Dá para “visualizar” a casca se decompondo mais rapidamente sob o sol. Lá na cooperativa, quando está muito calor, percebemos essa decomposição mais rápida até pelo cheiro forte que sentimos nos lugares sujos por restos de resíduos.



### Quais materiais demoram mais para se decompor?

Primeiro, o vidro. Depois, o plástico.

↑ **MAIS INFORMAÇÕES:** A forma como esses materiais interagem com a natureza explica por que o plástico é mais poluente. O tempo de decomposição e o impacto ambiental do vidro e do plástico seguem lógicas bem diferentes. Enquanto o vidro é geologicamente estável, o plástico é quimicamente invasivo - deriva do petróleo, fonte não renovável e altamente poluente em sua extração.

### Como é o processo de reciclagem do plástico?

Possui algumas fases. Primeiro, chega na cooperativa e é separado dos outros resíduos. Depois, vai para a indústria recicladora, onde passa por lavagem e moagem. Por fim, todo o plástico é transformado em polipropileno (PP), no formato de bolinhas prontas para serem usadas em novos produtos.

### Metal enferrujado pode ser reciclado?

Se estiver enferrujado, o metal não serve para ser reciclado.

↑ **MAIS INFORMAÇÕES:** O problema não é a ferrugem em si, mas o que pode estar nela e conter contaminações. Portanto, o estado do metal influencia o tipo de descarte que ele deve ter. Mas é importante lembrar que os metais - quase todos - são materiais muito versáteis para a reciclagem, pois podem ser processados repetidamente sem perder suas propriedades essenciais. O processo de reciclagem de alumínio, aço, cobre, ferro, latão e bronze é extremamente eficiente do ponto de vista ambiental.

### Vocês reciclam na casa de vocês?

Com certeza! Reciclamos e ganhamos a vida reciclando, pois é nossa profissão!

## Somos responsáveis por quem elegemos

Em ano de eleição, como nos relacionamos com nosso direito - e dever - de votar, com a busca de informação confiável, e com a manutenção da democracia?

### A construção do voto na era das redes



Priscila Matias Forster,  
3ª série A

A democracia brasileira tem como fundamento a garantia da representatividade. Esse direito se concretiza por meio das eleições diretas, que asseguram a soberania popular. No entanto, o Brasil enfrenta um processo de descredibilização da política, intensificado por crises institucionais. Isso ampliou a desconfiança do povo nas estruturas de poder e contribuiu para o aumento da polarização - evidenciada nas eleições de 2018, com a radicalização dos discursos políticos, que deixaram de priorizar propostas de governo em favor de apelos emocionais, identitários e morais.

A ascensão tecnológica introduziu a Inteligência Artificial (IA) no cotidiano, permitindo que qualquer pessoa produza conteúdos manipulados, como imagens e textos falsos. No contexto eleitoral, isso favorece a intensificação das *fake news* usadas para difamar e manipular, já que as redes sociais não conseguem controlar efetivamente sua circulação. Além disso, os algoritmos impulsionam a construção de uma visão homogênea e alinhada às convicções do usuário, que se mantém alheio ao debate eleitoral; as redes sugerem conteúdos com base na interação, formando uma “bolha digital” que compromete a autonomia do eleitor. A relação com as mídias digitais influencia diretamente o desenvolvimento do raciocínio crítico, sobretudo entre os jovens. Pensando

no contexto democrático, para que haja autonomia de voto, é necessária a constante busca por informações reais. No entanto, os adolescentes tendem a priorizar conteúdos rápidos e superficiais, sem entrar em discussões pertinentes para a formação crítica. Esse processo resulta no desenvolvimento de argumentos rasos, sem fundamentos e que reduzem a disputa política a narrativas simplistas - em detrimento de debates sobre a realidade e as necessidades da população. A criação de *fake news* com uso de IA é um empecilho para a discussão de propostas eleitorais; gera insegurança na população, que não tem recursos eficientes para identificá-las. Nesse contexto de alienação e lacuna educacional, inúmeros candidatos se aproveitam para ter mais visibilidade.

Embora as mídias sejam parcialmente responsáveis, é o eleitor quem deve garantir a veracidade do conteúdo acessado antes de se basear nele para exercer seu direito de voto. A cidadania pressupõe acesso a direitos, mas requer responsabilidade. O processo eleitoral é essencial à democracia, porém sofre influência das mídias digitais. Assim, em meio à multiplicidade de narrativas, a preservação da autonomia do voto e, consequentemente, do pleno exercício da cidadania está diretamente relacionado à capacidade de questionar e compreender criticamente as informações que circulam no meio digital.

### A crise do voto consciente

O voto, como fundamento da democracia, é imprescindível para a efetivação e a manutenção da soberania popular. Em nível coletivo, cabe a ele sustentar e direcionar o Estado, impactando diretamente nossa vida cotidiana. Por isso, cabe a nós, cidadãos, buscar discernimento e fazer uma análise criteriosa antes de votar - para que haja aprimoramento da democracia e da gestão pública.

No Brasil, desde a República Oligárquica até a Ditadura Militar (1889 a 1985), o poder decisório não pertencia ao povo - devido a mecanismos que restringiam a participação popular. Foram necessárias diversas lutas e protestos sociais para que o processo eleitoral se tornasse sufrágio universal no país - pressupondo que a população brasileira seria criteriosa no exercício democrático, com grande consciência cívica. Paradoxalmente, o que ocorre na atualidade é a negligência com o voto, o que banaliza o sentido da decisão eleitoral e resulta em más escolhas. O descaso com as eleições está consolidado no comportamento da sociedade contemporânea, que, com certa apatia, não entende a importância do juízo crítico na escolha do voto. A população se mostra desinteressada em relação aos debates políticos, e descompromissada, entendendo a votação apenas como obrigação. Nesse contexto, o sentido do voto se esvazia para a sociedade, visto que ele deixa de ser uma escolha política e se torna uma prática desprovida de envolvimento. Devido à perda de seu significado, tal escolha deixa de ser guiada por um julgamento analítico, tornando-se um ato de identificação coletiva.

Na política contemporânea, a falta de racionalidade na escolha eleitoral abriu espaço para a ressignificação do voto, que passa a favorecer o sentimento de pertencimento como principal critério. Se anteriormente a decisão era tomada com base no juízo crítico, agora ela é feita pela identificação do indivíduo com grupos ideológicos. Esse fenômeno é explicado por Manuel Castells, sociólogo espanhol, que afirma a “identidade” como motivação da organização social; os eleitores decidem suas preferências a partir das afinidades ideológicas e sociais que possuem. O cidadão toma sua decisão com base na proximidade com as correntes existentes, sem considerar seu histórico e atuação pública.

Quanto mais esse processo se intensifica, mais a política se transforma em espetáculo, e o êxito depende da capacidade de atrair adesões ao próprio campo. Na prática, esse comportamento é extremamente nocivo ao sistema eleitoral, visto que os candidatos deixam de ser escolhidos por competência e desempenho público. Ao se reduzir o debate público a lados polarizados, o voto perde importância e influência, apesar de seu valor imprescindível para a manutenção da democracia. A sociedade age, portanto, com descaso, sem compreender plenamente o significado do voto e sua relevância histórica. A transformação dessa ferramenta de aprimoramento do poder público em um ato de identificação coletiva é um risco à permanência da democracia no Brasil, pois facilita a ascensão de regimes autoritários.



Helena Péres Philadelphi,  
2ª série E



## Agentes digitais

*Chromebooks* chegam como ferramenta de mudança: de consumidores passivos de tecnologia, estudantes passam a agentes digitais

O acesso às mídias digitais amplia as possibilidades de comunicação, de expressão e de aprendizagem. Mas também traz excesso de informação - e desinformação -, conteúdos não confiáveis, algoritmos que influenciam o que vemos e o que consumimos, e hábitos que frequentemente nos transformam em consumidores passivos, sem quase nenhum poder de escolha ou de transformação. Para crianças e adolescentes, essa passividade é especialmente preocupante e nociva. Por isso, especialistas e pesquisadores defendem, cada vez mais, que a escola precisa investir muito e com assertividade na educação digital.

A iniciativa *Digital Thriving*, da *Harvard Graduate School of Education*, utiliza o conceito de “agência digital”, no sentido de os jovens “agirem” no ambiente digital usando as tecnologias disponíveis não só para consumir e reagir ao que as mídias oferecem, mas para criar e produzir conteúdo próprio. Desenvolver “agência digital” nos estudantes significa ajudá-los a compreender como as tecnologias funcionam, como as informações circulam, como os algoritmos influenciam as escolhas e como os recursos digitais podem - e devem - ser usados ativamente e positivamente.

Para **Tathyana Gouvêa**, doutora em Inovação Educacional pela USP, estamos diante de dois processos igualmente importantes: introduzir as tecnologias de maneira ética e segura nas diversas práticas pedagógicas, enriquecendo o processo formativo e colaborando com a aprendizagem dos diversos componentes curriculares; e consolidar a Computação como área



de saber nas escolas. “A BNCC-Computação já prevê os direitos de aprendizagem da Educação Infantil ao Ensino Médio e, agora, com a IA, o letramento digital e midiático tornou-se essencial e urgente”, afirma Tathyana.

A coordenadora de Tecnologia e Inovação, Graziella Matarazzo, explica que esse trabalho já faz parte da proposta pedagógica do Sabin há alguns anos: a escola desenvolve um currículo de educação midiática e digital que dialoga com debates recentes da legislação brasileira. Em 2026, esse trabalho ganhou força com a implementação do **Projeto Chromebook 1:1**, no qual cada estudante passa a contar com um *notebook* pessoal como ferramenta dentro do colégio. “Começamos um projeto piloto com o *Chromebook* sendo material escolar obrigatório no 6º ano do Fundamental, e nas 1ª e 2ª séries do Médio. Cada aluno deve trazer o seu e nós instalamos a licença do Google, para a escola gerenciar. O computador vai e volta com o aluno diariamente”, explica a coordenadora. *Chromebooks* são *notebooks* mais leves, rápidos e seguros para o uso escolar. “Nosso objetivo é que o computador pessoal passe a ser um instrumento de investigação, pesquisa, criação, programação digital e produção de trabalhos em parceria com os colegas. Além disso, o uso frequente do *Chromebook* ajuda no desenvolvimento de funções executivas, como organização, planejamento e autonomia”, completa Graziella.

### Mais liberdade e organização

Alunos do 6º ano, como **Julia Puti Souza** e **Thiago Kei Yamaki**, têm comemorado as novas possibilidades que o *Chromebook* trouxe. Julia já percebeu que, com o próprio computador, possui mais autonomia para fazer trabalhos e explorar ferramentas: “Antes, eu precisava usar o computador da minha mãe e ele não estava sempre disponível. Agora, com o meu *notebook*, eu me sinto livre para pesquisar as coisas do mundo, descobrir aplicativos e usar os meus favoritos, como o *Google Slides*”, celebra ela. Thiago está animado com as oportunidades de criar e programar: “No STEAM, usamos o *Scratch* (linguagem de programação

visual baseada em blocos, usada para criar jogos e animações interativas) e o *Makey Makey* (kit de invenção - placa eletrônica - que transforma objetos condutores em teclas de computador) e foi muito legal! Usando eletrônica, fizemos um projeto e programamos um personagem para andar”. A aluna Laura Cardoso Rodrigues, da 3ª série do Médio, já quis começar a usar o *Chromebook* na escola mesmo não sendo obrigatório no ano dela - e está achando muito útil. Entre outras coisas, ela destaca que ficou mais prático acessar o livro didático durante a aula e já fazer os exercícios ali mesmo; ou abrir na sua tela o slide que o professor está usando durante a explicação. “É um espaço pessoal onde posso me organizar do jeito que funciona melhor pra mim, com anotações, arquivos, pastas. No geral, me ajuda a deixar os estudos mais práticos e dinâmicos, com tudo no mesmo lugar e fácil de encontrar - ainda que não substitua 100% o livro físico que, em muitos momentos, acho essencial pois eu gosto de grifar os textos”, diz Laura. “Além disso, acho que já vai preparando a gente para o clima universitário porque esse tipo de ferramenta é bem comum na faculdade.”



# Cabeças em movimento

Com projeto inovador, dupla de alunos dá exemplo de humanidade e conquista prêmios inéditos na história do Sabin

Guilherme Kronka Mülfarth e Théó Alves Paliari, alunos da 1ª série do Ensino Médio do Sabin, são jovens que se importam com questões sociais e agem para fazer a diferença no mundo. É com brilho nos olhos e conhecimento que eles falam sobre o **Projeto HAWCS**, que desenvolveram em 2025 no aprofundamento tecnológico no Fab Lab da escola - com orientação dos professores Miguel Fabricio Jacoput da Hora e Andre Santos de Melo. HAWCS é a sigla para a descrição do trabalho: *Head Angulation Wheel Control System*, ou **Sistema de Controle de Cadeira de Rodas por Angulação da Cabeça**. E é, também, uma homenagem ao cientista Stephen Hawking, que tornou-se dependente de uma cadeira adaptada devido a uma doença do neurônio motor. Em março deste ano, Guilherme e Théó representaram o Sabin e fo-

ram premiados na 24ª FEBRACE - a maior Feira de Ciências e Engenharia do Brasil.

A ideia do projeto surgiu da sensibilidade dos alunos e de muita pesquisa. “Começamos a estudar a área da saúde e descobrimos que as tecnologias assistivas podem ser muito mais desenvolvidas”, explica Théó. Tecnologia assistiva refere-se a produtos, equipamentos, metodologias e serviços que promovem funcionalidade, autonomia e inclusão social de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. Pesquisando, a dupla constatou que pessoas com tetraplegia ainda enfrentam grandes desafios de mobilidade: “Vimos que a maior parte das soluções que existem para que elas controlem suas cadeiras de rodas são desconfortáveis, muito aparentes, ou extremamente caras”, revela Guilherme. Motivados por esse cenário, os estudantes de-

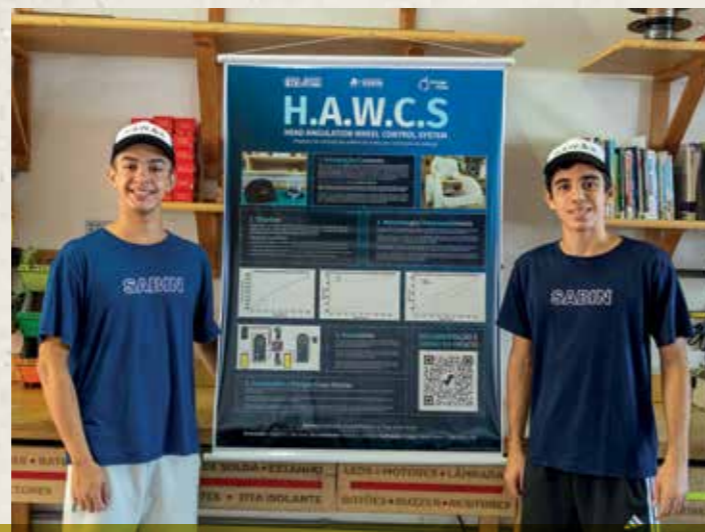
cidaram criar uma alternativa ergonômica, discreta e mais acessível. Com expertise em tecnologia e eletrônica, buscaram componentes que pudessem traduzir movimentos da cabeça em comandos - utilizando sensores de inclinação e comunicação sem fio. Para eles, esse trabalho é sobre a convicção de que a engenharia e a inovação devem servir ao bem-estar coletivo.

Depois de quase um ano de muita dedicação, a resiliência foi decisiva para o sucesso. “Na véspera da apresentação para a FEBRACE, o eixo do nosso motor estourou e quase nos desesperamos! Mas, se você se desespera, para de pensar e não encontra solução. Com calma e o apoio dos nossos pais e professores, conseguimos resolver”, lembra Théó. Guilherme complementa: “Depois de arrumar o motor, o desafio foi manter as rodas presas. Mesmo com problemas técnicos, mostramos para os avaliadores que nada impedia o funcionamento da nossa cadeira”. A seleção para a FEBRACE foi, por si só, uma vitória: entre mais de 70 mil submissões, apenas 300 projetos foram escolhidos. A sensação de serem finalistas e premiados foi quase indescritível. “Emocionante, sem dúvida! Especialmente por ter sido a primei-

ra vez que alunos do Sabin foram premiados nessa Feira!”, comemora Théó, destacando a importância da existência do Espaço *Maker* na escola. “Eu sinto que o curso regular me forma como estudante, para resolver problemas no universo acadêmico, mas a vivência *maker* vai além: me constrói como pessoa, me prepara para o mundo.” O Sabin celebra o projeto HAWCS renovando o compromisso de formar jovens com liberdade para criar e com suporte para concretizar ideias. Guilherme e Théó são inspiração para todos.

## PRÊMIOS FEBRACE 2026

- 1º lugar no PRÊMIO SKYRATS DE CIRCUITOS EMBARCADOS
- 2º lugar no DESTAQUE TOPUS
- 4º lugar em ENGENHARIA
- Finalista (Miguel) no PRÊMIO PROFESSOR DESTAQUE





ESCOLA  
**ABSABIN**

Part of

**iSP**

Internationa  
Schools  
Partnership



**SABIN**

cultura&informação  
**A REVISTA DO SABIN**

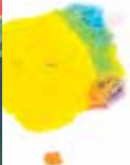
1º semestre de 2026 – ano 32 – nº 89

# Arte contemporânea com os bem pequenos

Elementos abstratos e criações sem estereótipos ajudam no desenvolvimento das diversas linguagens e formas de expressão

Um polvo gigante de tecidos e luzes, telas com cores e edifícios com curvas, esculturas em madeira de queimada da Amazônia - tudo isso são obras de arte contemporânea com as quais as crianças da AB Sabin têm contato! Com muitos elementos abstratos, esse tipo de arte permite inúmeras formas de comunicação, linguagem e expressão - assim como o pensamento da criança. É uma arte aberta, praticamente tudo é possível em sua concepção. “É por isso que usamos muita arte contemporânea para repertoriar os bem pequenos, para começar a mostrar a eles o mundo e as infinitas formas com que podem se expressar. Buscamos artistas diversos e obras interessantes para

nutrir as crianças esteticamente, sem subestimar a capacidade interpretativa delas”, resume a diretora pedagógica da AB, Sílvia Adrião. Por ser livre, sem estereótipos ou padrões estabelecidos, a arte contemporânea desperta nos pequenos mil maneiras de manifestar o que veem, o que sentem, o que pensam, o que gostam ou não gostam. “Já é o início do letramento para a democracia e a visão crítica, pois ver o mundo por diversas óticas e expressões favorece a flexibilidade cognitiva”, aposta Sílvia. “Nosso compromisso é enriquecer o currículo das crianças com conteúdos que dialoguem bem com elas. A arte contemporânea conversa perfeitamente com os bem pequenos.”



## Diversas linguagens

A diversidade de artistas, obras e atividades são escolhas estruturadas para que a experiência da turma seja a mais rica possível! Quando a professora Gesiane Bottene apresenta para o Infantil 2 imagens da obra *Valkyrie Octopus*, de Joana Vasconcelos, ou pinturas abstratas com tons de azul e cores vibrantes da Tomie Ohtake, a escola está investindo em diversos aspectos do potencial dos pequenos - que logo transformam curiosidade em criação e expressão. “Antes de mostrar a obra do polvo da Joana, trabalhamos a corporeidade: arrumamos o bosque com vários tecidos coloridos, colocamos uma música de fundo do mar, e fizemos provocações - ‘Como será que o polvo se mexe? É rápido? É lento? Como ele faz?’. Então, as crianças brincaram e experimentaram movimentos”, conta a professora. Depois, viram fotos da artista e da escultura - que combina tecidos, crochê, bordados e luzes - fizeram colagens com fios de lã.

Já o contato com a arte da Tomie resultou em linguagens e manifestações diversas: pintura em guarda-chuvas, colagens com diferentes materiais, mistura de cores, esculturas arredondadas em esponjas de jardinagem. Gesiane lembra como foi bonito ver a interação das crianças com as obras: “Elas comparavam os azuis colocando tom sobre tom, e iam percebendo as variações. Com as cores vibrantes, que essa faixa etária adora, a turma produziu desenhos”. As imagens do prédio do Instituto Tomie Ohtake, com sua arquitetura diferente, de curvas e nuances, geraram uma experiência com modelagem. Uma mãe relatou às professoras que a filha ficou tão impactada pela artista, que motivou um passeio da família ao Instituto - também galeria de arte. A escola faz a documentação pedagógica e mantém canais de comunicação com as famílias, por isso os pais acompanham e também podem conhecer os artistas apresentados às crianças.

### Potência máxima

Um projeto científico com o Infantil 3, de pesquisa sobre raízes, acabou saltando para mais uma imersão em arte contemporânea. A professora Jéssica Lima aproveitou as raízes visíveis no bosque da escola - sobre as quais ela sempre notou o olhar curioso das crianças - para propor uma pesquisa. A turma brincou com a terra, cavou, falou das plantas, das orquídeas nos troncos, dos galhos e das árvores, até se aprofundar nas raízes. Investigaram para que serve a raiz, plantaram raízes comestíveis e surgiu o tema da preservação das florestas. “Então trouxemos o artista Frans Krajcberg, que se preocupou com a preservação da Ama-

zônia e sempre fez arte como forma de protesto”, revela Jessica. “Como nossa ideia é ter referências artísticas em todos os projetos, mantemos o radar ligado, e eu vi que havia uma exposição desse artista no MASP, de obras feitas com madeiras achadas em queimadas.” Usando argila preta, carvão e tintas, os pequenos puderam criar e reproduzir do jeito deles o que observaram nas obras de Frans. “E fomos mais longe: esse artista nasceu na Polônia e acabamos enveredando na investigação das raízes dele, e depois das nossas próprias raízes - até montamos uma árvore de família!”, relata a professora. Na Mostra Cultural realizada na AB em 2025, as crianças ajudaram a criar uma instalação digna de arte contemporânea: um galho enorme, suspenso, com fios simbolizando raízes. “Ficou lindíssimo e acredito que surpreendente para os padrões de quem pensa a infância na mínima potência; nós pensamos na máxima!”, afirma a diretora Silvia.



**JOANA VASCONCELOS**  
(1971)

Artista plástica portuguesa



**TOMIE OHTAKE**  
(1913 - 2015)

Artista plástica japonesa  
naturalizada brasileira



**FRANS KRAJCBERG**  
(1921 - 2017)

Escultor e pintor polonês  
naturalizado brasileiro



**ESCOLA ABSABIN**  
Um, dois, todos

**Parabéns  
aos nossos  
estudantes!**

**93**  
aprovados  
em  
públicas

**120**  
aprovados  
em  
particulares

**87%**  
aprovados

Formação humana  
com grandes resultados:  
**a celebração de  
uma trilha feita  
de conhecimento  
e dedicação!**

**DIREITO**

**SANFRAN**

Celebramos os aprovados  
da turma de 2025  
e desejamos muitas  
conquistas na nova etapa!



34

aprovados  
na USP

36

aprovados  
na UNESP

19

aprovados  
na UNICAMP

72

aprovados em  
universidades  
públicas pelo  
SISU

167

aprovações  
em  
públicas

245

aprovações  
em  
particulares

*“Estudei no Sabin durante 16 anos, e cada momento que vivi no Colégio foi essencial para minhas aprovações ao final do Ensino Médio. Em todos os anos, fiz diversas atividades extracurriculares, como o projeto voluntário, muitos esportes e o módulo de aprofundamento - e acredito que parte da minha identidade se moldou a partir dessas atividades. Além disso, todas as amizades e relações que construí com os professores ajudaram a tornar o processo mais leve e divertido. Ter sido aluna do Sabin foi a melhor escolha possível: ao mesmo tempo que a escola me proporcionou todo o apoio e as aulas necessárias para as aprovações, ela me presenteou com diversos eventos inesquecíveis, principalmente no terceiro ano. Lembrarei de tudo com muito carinho sempre! Fui muito feliz em toda a minha jornada escolar e sou muito grata ao Colégio.”*

**GABRIELA RANCAN GOMES**

Aprovada em Nutrição na USP, na PUC, na São Camilo, na Santa Marcelina, na Unicsul e na UFPI, e em Medicina na Mandic e na Uninove.



*“Entre no Sabin na Educação Infantil e tenho muito a agradecer ao Colégio. Decidi bem cedo que queria Medicina e aproveitei todas as oportunidades que a escola me deu. Desde pequena, participei das Olimpíadas de Matemática, Química e Física; quando cheguei ao Ensino Médio, fiz o módulo. Além da parte acadêmica, todas as amizades que construí e todos os professores que tive me ajudaram muito a chegar onde cheguei.”*

**CLARA CARDOSO**

Aprovada em Medicina na Unifesp e na Unicamp.



*“O Sabin me ofereceu todas as oportunidades, desde o conteúdo ensinado até as relações com os professores e os colegas, para eu combinar com minha dedicação e meu esforço e conseguir conquistar uma vaga em uma faculdade de referência. O Colégio ofereceu toda a estrutura para que eu construísse uma base forte e me desenvolvesse não só como aluno, mas também como pessoa. Ter uma rede de apoio de professores e amigos nessa fase de vestibulares - além dos esportes oferecidos pela escola - foi crucial para me ajudar a lidar com a pressão dessa fase de vestibulares; quando sentei para fazer as provas, eu soube controlar a adrenalina para ter meu melhor desempenho.”*

**MAX WIERZBICKI DE GODÓY**

Aprovado em Medicina na FAMERP e em Nutrição na Unifesp.



*“Ao longo do meu percurso, o Colégio sempre fez com que eu me sentisse em casa - seja pela excelente relação que tive com os professores, seja pelas atividades promovidas fora da sala de aula, que ampliam os laços e as amizades entre os colegas. Nas atividades esportivas - especialmente o futsal, que joguei do 6º ano até a 2ª série do Ensino Médio -, tive sempre momentos de descontração e divertimento. Ao longo do terceiro ano, o Colégio ofereceu diversas atividades para aprimoramento do meu conhecimento, como as aulas temas e as aulas eletivas, nas quais trabalhamos as mais variadas formas de questões, de modo a refinar as minhas habilidades para cada fase da Fuvest. Minha experiência no Sabin começou em 2012 e terminou no final de 2025, e tenho certeza de que essa parceria de 14 anos foi determinante para minha aprovação em Direito na USP. As aulas do módulo de aprofundamento foram parte crucial no meu processo.”*

**LEONARDO C. BURLACCHINI DE CARVALHO**

Aprovado em Direito na USP, na FGV e na PUC (2º lugar).

